PH

Revista
PERGENTINO HOLANDA . Nº 2156 . Ano XLV

imirante.com
16 e 17 de março de 2024. Sábado/Domingo

Jovem elegante jantando no restaurante da Torre Eiffel

Um brinde à alegria de viver na bela festa DegustaSom, com um *ótimo show de Rick*

PAG. 6 e 7

A charmosa Thais Muniz, com uma taça na mão, faz um brinde à alegria de viver

Paris e a sensação de ser transportado para séculos passados ao *entrar num restaurante*

PAG. 8

Divulgação/Herbert Alves

O CHARME e a beleza de Márcia Abreu Itapary são um colírio para os olhos, neste fim de semana, em make especial de Suzane de Castro, da equipe maranhense de Celso Kamura São Luís

FLÂNEUR

um tipo literário essencial para observar qualquer imagem das ruas de Paris

O prazer de passear pelas ruas foi identificado primeiro em francês, na virada do século XIX para o XX, e acabou gerando um personagem imortalizado por Baudelaire: o Flâneur, o flanador, aquele homem que se mistura com a multidão e vai passeando, degustando o prazer de observar as ruas.

Se eu tivesse que resumir o que seria a arte de flanar ou definir o que é um flanador, diria que é a pessoa que considera as ruas de forma diferente: elas passam (em si) a ser um espetáculo de descoberta e conhecimento de toda uma sociedade.

Foi lendo o primeiro livro de Lobo Antunes (um dos escritores portugueses mais lidos, vendidos e traduzidos em todo o mundo), o célebre Memória de elefante, de 1979, que acabei descobrindo quase o cheiro de uma Luanda, e, por que não?, de quase toda uma Angola arrasada pela guerra, em que as pessoas engoliam o desespero em forma de loucura.

O personagem principal, o psiquiatra, de quem toda memória sai, e com ela a prosa e a saudade de uma Lisboa, nos conta sua experiência dolorosa e sofrida pelas ruas dessa Luanda destemperada. Lobo Antunes constrói uma cidade e um personagem com forte inspiração autobiográfica, numa ópera (ou fado?) com certeza de inspiração barroca.

Na literatura urbana do Brasil, há um longo histórico de autores que trataram das ruas: Joaquim Manoel de Macedo e suas "Memórias da Rua do Ouvidor", João do Rio, Rubem Fonseca, Machado de Assis, Marques Rebelo, Renard Perez. Mas foi lendo "Flanando em Paris", de Carlinhos de Oliveira, um dos intelectuais mais populares e polêmicos do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970, que encontrei um painel dos impasses e perplexidades do cidadão brasileiro, esteja em Paris, Londres, Amsterdã ou Lisboa. Sentimentos compilados durante suas andanças por essas cidades, acompanhado por artistas, dramaturgos, escritores, gigolôs e belas mulheres.

No livro estão os encontros com Samuel Beckett, Jean-Paul Sartre e Fernando Sabino (a quem apresentei São Luís quando o meu olhar começava a descobrir os segredos e mistérios desta cidade). A falta de dólares, a abundância de tempo e a insaciável curiosidade. As descobertas dos sebos e dos cafés, a efervescência cultural.

Insólita e misteriosa, a Paris de Carlinhos de Oliveira não se encontra nos guias turísticos. Não se descortina dos telhados de suas antigas igrejas ou do topo da Torre Eiffel. A Paris desse cronista irreverente e inconformista está no subterrâneo, onde os olhos dos homens brilham como lâmpadas mortiças em procissão. Se revela nas observações desse porta-voz dos meandros da alma. Nas descrições da boemia, nos fragmentos de diálogos, nas reflexões sobre cultura, dinheiro, morte, solidão, amor, amizade, hipocrisia, preconceitos.

São textos construídos com humor cáustico que lançam um olhar objetivo sobre a condição humana, em tudo o que esta tem de oculto e ambíguo. São relatos que enviou do velho continente, tirados de seu caderno de andarilho, de seu espírito sensível que tenta decifrar em si próprio e nos outros o enredo desta complexa teia que é a nossa existência.

Escritor confessional por natureza, Carlinhos de Oliveira encontrou na crônica o canal ideal para exprimir toda a inquietude de seu mundo interior. Ele via, engolia, assimilava, transformava e só então escrevia. Fragmentos soluçantes, textos desesperados que não poupavam nada. Muito menos a si próprio. Tinha a autocrítica dos doutores em alma humana e sabia que viver era uma forma de colecionar prisões.

Na última vez que visitei Paris, com essas duas preciosidades literárias – "Memória de elefante" e "Flanando em Paris" – nas mãos, tentei mais uma vez mergulhar na alma da cidade, cujas ruas são para mim uma questão presente, próxima. E como um flâneur, andei pelas ruas frias de Paris às vésperas da Primavera e lembrei do que outrora foram as ruas de São Luís.

Em Paris, o tempo de Baudelaire admirado pelos personagens que passam, não sofreu com a fuligem do tempo. Já em São Luís, as ruas ainda precisam redescobrir sua vocação humana, no mesmo movimento em que descobrimos, no íntimo, essa vocação como um desenho ou espírito, quando já não nos lembrávamos o que exatamente significava.

Reprodução

Christopher Nolan foi um dos homens de uma noite de homens

OS OSCARES 2024 FORAM UMA FICÇÃO AMERICANA

Viva a diversidade, viva a abertura, viva a modernidade! Muito mais abertos a figuras internacionais, procurando refletir a evolução da indústria ao longo dos últimos anos, com a "grande vitória" asiático-americana de Tudo em Todo o Lado ao Mesmo Tempo, há um ano, os prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood entravam numa nova era de igualdade e justiça social.

Entretanto, no mundo real, Barbie acorda deste sonho lindo.

Grande vencedor da 96.ª edição dos Óscares da Academia no Dolby Theatre de Los Angeles na noite de 10 de março de 2024: Oppenheimer, de Christopher Nolan, filme quase exclusivamente "de homens". Ao todo, sete estatuetas: Melhor Filme, Melhor Ator (Cillian Murphy), Melhor Ator Coadjuvante (Robert Downey Jr.), Melhor Diretor, Melhor Fotografia, Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Montagem.

Entre dois afro-americanos (Colman Domingo e Jeffrey Wright, que nunca tiveram realmente hipóteses) e excelentes interpretações de Bradley Cooper e do enorme Paul Giamatti, foi o irlandês Cillian Murphy que venceu com a sua interpretação do inventor da bomba atómica. A melhor atriz podia ter sido a veterana Annette Bening, ou a alemã Sandra Hüller, ou a britânica Carey Mulligan, ou a nativa americana Lily Gladstone – mas o prêmio foi para a única indicada que já o tinha ganho (por La La Land), Emma Stone, à boleia de Pobres Criaturas, do grego Yorgos Lanthimos. Ultrapassou mesmo na reta da meta a favorita Gladstone, protagonista de Assassinos da Lua das Flores, de Martin Scorsese, filme que não converteu em prémio uma única das suas dez indicações

Anatomia de Uma Queda, de Justine Triet, o filme francês que parecia estar fazendo uma carreira encantada, chegou à meia-noite e, tal como a Gata Borralheira, perdeu tudo menos o sapatinho de cristal: das cinco indicações com que chegara à noite de gala apenas concretizou o prêmio "menor" de Melhor Roteiro Original. E Barbie, que já fora "esnobado" ao ver fora das suas oito indicações a diretora Greta Gerwig e a protagonista Margot Robbie, saiu humilhado: só levou como prêmio de consolação o de Melhor Canção Original (para What was I made for?, dos irmãos Billie Eilish e Finneas O'Connell).

O irlandês Cillian Murphy venceu o Oscar de Melhor Ator com a sua interpretação do inventor da bomba atómica

O prêmio de Melhor Atriz foi para Emma Stone, a única indicada que já o tinha ganho (por La La Land)

Perversamente, o filme de Greta Gerwig foi também um dos vencedores da noite, porque se lhe deveu o único verdadeiro momento de espetáculo e de entusiasmo que todos vão recordar: o delírio à la Busby Berkeley da outra indicação do filme para Melhor Canção Original, I'm just Ken, com Ryan Gosling a divertir-se à frente de um corpo de baile que incluía Simu Liu e Kingsley Ben-Adir e de uma banda que contava com o ex-Gunsh'n'Roses Slash como convidado especial.

Certamente Hollywood não mudou. Vai fazendo uns gestos de atualização, sem consequências sérias – como as flores que se distribuem às mulheres no Dia da Mulher para aplacar consciências. Mesmo que o mundo em que vivemos teime em se infiltrar nela, e infiltrou-se na madrugada do último domingo. O comediante Jimmy Kimmel pediu um enorme aplauso para os trabalhadores do cinema e para as suas lutas sindicais, ao cabo de uma temporada que também foi de greves (e, mais perto do fim, mandou também uma boca a Donald Trump e aos seus múltiplos problemas judiciais). O inglês Jonathan Glazer, ao receber o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro por A Zona de Interesse, considerou que a atual situação em Gaza deriva da desumanização do outro que o seu filme sobre os campos de concentração retrata, recusando "o aproveitamento do judaísmo e do Holocausto por uma ocupação que levou ao conflito tanta gente inocente". E o jornalista ucraniano Mstyslav Chernov, ao receber o prémio de Melhor Documentário por 20 Dias em Mariupol, disse esperar que o seu filme (que vai chegar ao Brasil em abril) assegure que os mortos provocados pela invasão russa da Ucrânia nunca sejam esquecidos. Alexei Navalny, o opositor de Vladimir Putin morto há poucas semanas, foi mesmo o primeiro nome a ser recordado no segmento in memoriam, revisitação daqueles que morreram nos últimos 12 meses (o filme de Daniel Roher sobre o ativista russo teve o Oscar de Melhor Documentário no ano passado).

Mas contra tudo isto: sete prêmios para o filme "mais Oscar" de todos os indicados este ano, Oppenheimer. Nenhum dos filmes que "faziam a diferença" chegou perto. Maestro, de Bradley Cooper, Assassinos da Lua das Flores, de Scorsese, Vidas Passadas, de Celine Song, saíram com as mãos abanando. Mesmo Pobres Criaturas foi um dos perdedores da noite: para lá do galardão de Emma Stone, as suas três outras vitórias foram puramente em categorias técnicas – cenografia, guarda-roupa e maquiagem. Os Excluídos, de Alexander Payne, saiu apenas com o prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante para Da'vine Joy Randolph; American Fiction entregou a Cord Jefferson o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado – e assim se preencheu (perdoem-nos o cinismo) a "quota afro-americana" da cerimônia.

Os Oscares são, admissivelmente, sempre arbitrários e circunstanciais; as narrativas ao seu redor constroem-se, inevitavelmente, a posteriori. Mas os prêmios da 96.ª edição parecem confirmar uma contínua falta de harmonia entre a realidade e a ficção, refletindo o desejo nostálgico de um impossível regresso ao passado.

Independentemente da opinião que se possa ter sobre Oppenheimer, o filme de Christopher Nolan é o equivalente contemporâneo das superproduções dos anos 1960 com elencos carregados de vedetes que faziam coexistir espetáculo e prestígio (como Lawrence da Arábia – e não falta quem compare a ambição de Nolan com a de David Lean). E o seu triunfo pode ser lido como uma vontade de recuperar esses outros tempos – make the Oscars great again, se nos perdoarem a citação (mas nesse caso porquê ignorar tão ostensivamente a linhagem retrô de Os Excluídos?).

Por esta lógica, a dimensão subversiva de Barbie e a sua inesperada popularidade global, bem como a excentricidade de Pobres Criaturas, são um desafio à "ordem estabelecida" (patriarcal, masculina, branca, americana, protestante) – atiram pauzinhos para a engrenagem do convencional de maneira abertamente lúdica. Mas os Oscares sempre se deram mal com o lúdico, preferem o sisudo – e que Barbie não tenha sequer obtido um único prêmio técnico ou artístico (nem mesmo o de argumento!) é a bofetada de luva branca de uma Hollywood que, por muito #MeToo que se afirme, continua a perpetuar a mesma ideia de sempre do que é "um filme de Oscares". Por mais desatualizada, desfasada, anquilosada que possa estar.

Nada disto, entenda-se, tem importância alguma. Nunca teve, não é agora que vai começar a ter. Nem sequer é invulgar que os Oscares passem ao lado do que deveriam premiar. E este nem foi dos piores anos em termos de indicações – nenhum dos principais filmes indicados era (pelo menos para nós, outros terão diferentes opiniões) um objeto indiferente ou ofensivo, todos os atores indicados eram mais do que estimáveis.

Mas vale a pena pensar nisto: quando começaram, os Oscares eram muito mais uma recompensa do que uma ferramenta de marketing. Quase um século depois, voltam a ser uma recompensa (porque o grosso dos filmes já tinha vários meses de exibição em cima e não precisava verdadeiramente dos prêmios). Mas o que recompensaram não foi tanto o cinema; foi a imagem que os próprios Oscares criaram do cinema. Uma "ficção americana", para citar o outro, na qual ainda todos queremos acreditar.

Entretanto, no mundo real…

Fotos/Reprodução

Da esquerda para a direita: Zendaya (ícone fashionista, Zendaya optou por um vestido rosa com estampas de palmeiras da Armani Privé para a celebrar o Oscar 2024); Emma Stone (indicada ao prêmio de melhor atriz por seu papel em Belas Criaturas, optou pela combinação clássica e romântica da renda com corset e peplum). O modelo é da Louis Vuitton; Ariana Grande (intérprete de Glinda em Wicked – A História Não Contada das Bruxas de Oz, filme que será lançado este ano, Ariana Grande trouxe todos os olhares para si com o vestido Giambattista Valle e as joias Tiffany & C); e Lupita Nyong'o (deslumbrante, Lupita Nyong'o não poupou no glamour e desfilou o tapete vermelho num modelito com brilho, plumas e decotão da Armani Privé), brilharam no tapete vermelho do Oscar 2024

OS MELHORES LOOKS DO OSCAR

No último domingo, dia 10, Hollywood encerrou a temporada de premiações cinematográficas com estilo. Indicados e apresentadores do Oscar 2024 chegaram ao Teatro Dolby exibindo silhuetas de sereia, vestidos metálicos ousados e uma série de joias marcantes.

O tapete vermelho de 275 metros deste ano marcou um retorno à tradição depois que a versão do ano passado, na cor champanhe, decepcionou os espectadores. E o tapete icônico não foi a única coisa que retornou ao Oscar: Jimmy Kimmel voltou a apresentar a cerimônia pela quarta vez e as designer de cenografia Misty Buckley e Alana Billingsley (que se tornaram as primeiras mulheres a projetar o palco do Oscar no ano passado) estão de volta para a sequência.

Enquanto o box office do ano passado foi dominado por 'Barbenheimer', é Oppenheimer de Christopher Nolan que liderou a concorrência das premiações, não só no Oscar (o filme foi grande vencedor da noite, com sete estatuetas, entre as 13 indicações que recebeu), mas também no Globo de Ouro, BAFTA e SAG Awards.

E embora os vencedores foram bastante previsíveis este ano, alguns dos looks do tapete vermelho dessa noite estavam cheios de ousadia, fantasia – e, sim, mais rosa.

Issa Era (roteirista e atriz, Issa Rae (Insecure) representou a Barbie Presidente no blockbuster baseada na história da boneca. Para a cerimônia, escolheu um vestido preto, nada básico. Com decote profundo e aplicações de paetê, ela chama a atenção de longe. Linda!)

Michelle Yeoh (nova embaixadora da Balenciaga, não poderia deixar uma assinatura da etiqueta na premiação, é claro. O vestido de paetês prateados receberam complementos que conversam muito com a imagem da casa baseada em Paris)

Carey Mulligan (parou a internet ao surgir com um modelo Balenciaga que faz referência ao vestido crido pelo próprio designer que dá nome à marca, Cristóbal Balenciaga, na década de 1950)

Anya Taylor-Joy (quem se recorda do vestido usado por Natalie Portman no Festival de Cannes em 2023, conseguirá adivinhar o nome por trás desta do look de Anya Taylor-Joy nesta edição do Oscar: a Dior

Danielle Brooks (o corset e o laço maximalista na parte traseira fazem toda a diferença no vestido preto de Danielle Brooks, atriz de A Cor Púrpura e Orange is The New Black)

Cynthia Erivo (entre os looks do Oscar 2024, vai um destaque especial para o modelito verde com mangas volumosas que descem o corpo, usado pela atriz britânica Cynthia Erivo, que estará ao lado de Ariana Grande no filme inspirado em Wicke)

Jennifer Lawrence (vencedora em edições anteriores da premiação e apresentadora de uma prêmio nesta edição, Jennifer Lawrence escolheu um vestido clássico de poá, da alta costura da Dior, para sua participação na noite)

Laverne Cox (she is the moment! Laverne Cox revisitou o acervo da Muglier e trouxe um vestido diretamente da passarela de 1996 para o tapete vermelho

Maitreyi Ramakrishnan (a eterna Devi, de Eu Nunca..., se destacou entre os looks do Oscar 2024. Para a noite, elegeu um vestido acinturado e de saia volumosa do verão 2024 de Zuhair Murad)

Lily Gladstone (primeira atriz dos Estados Unidos nativa-americana a concorrer na categoria de melhor atriz, Lily Gladstone faz referência às suas origens com os bordados típicos do artesanato indígena

Charlize Theron (optou por um slip dress reiventado, com alças torcidas, e muitas joias para surgir no tapete vermelho do Oscar 2024)

O TEMPO NÃO PASSA

Sou do tempo em que a cidade se encontrava na Praça João Lisboa. Havia, logo no seu vestíbulo, o "Sertã" – misto de café, bar e lanches rápidos, hoje transformado em ruínas. Na sequência, perfilavam-se outras "salas-de-estar" da cidade: o bar do Gago, o Moto Bar, com suas mesas em mármore Carrara, a barbearia "Salão Pompeu", a alfaiataria do Chico Santos, a Fonte Maravilhosa, os dois abrigos – o Velho e Novo, o restaurante da sede social do Lítero e o "Senadinho", cuja séde era um banco da praça onde fofoqueiros ilustres se reuniam à noite para passar a cidade a limpo.

Quem não parasse para um dedo de prosa nesse perímetro, das duas uma: ou já havia embarcado para "São Pedro", com escala em São Paulo, ou não era um são-luisense genuíno.

É preciso ter pelo menos meio século de vida para descobrir-se numa cidade sem rosto. Hoje, ali na esquina da Rua do Sol com a Rua do Egito, o nativo bem que poderia repetir Henry James, o romancista nova-iorquino, que também testemunhou a metamorfose de sua aldeia, ao ponto de não reconhecê-la mais:

– É um melting pot – lamentou, querendo dizer, "é uma geleia geral"...

O rosto mais conhecido que pude identificar em meu último passeio pelo quarteirão foi o do "Sr. Inconsciente Coletivo". Uma síntese de várias gerações, empilhadas umas sobre as outras – um rosto "impessoal", perdoado o paradoxo.

O Inconsciente Coletivo é a prateleira de tipos populares que, um dia, decorou o lugar. É o acúmulo de conversas, piadas, causos, opiniões, gargalhadas, lamentações ou euforias – é o museu vivo de um cotidiano armazenado há séculos, desde os tempos em que as ruas da cidade eram batizadas com "nomes" mais poéticos e menos suntuosos.

Nunca canso de me repetir. Sábios foram os portugueses "alfacinhas", lisboetas natos, que deram nomes simples e pitorescos às ruas de sua bela cidade. Nomes simples, sonantes, encantadores, ditados pelo "Inconsciente Coletivo", a verdadeira alma do povo.

Até hoje vigoram na "velha cidade" à beira do Tejo os nomes cintilantes e imaginosos. Rua da Alegria. Travessa da Glória. Rua da Paz. Rua dos Fanqueiros. Rua do Salitre. Rua dos Cordoeiros. Travessa do Quebra-Pentes. E assim foi até que os espelhos de Lisboa passassem a refletir o ego do Marquês de Pombal. Aí, tudo passou a ser "pombalino" na Lisboa dos pregões seculares.

Mas voltemos ao Centro de São Luís. O calçadão é uma colmeia fervente, todos se cruzam e ninguém se cumprimenta. A aldeia perdeu o próprio rosto. Só é reconhecível pelo "Sr. Inconsciente".

É dele que ouço outras reminiscências. Aqui também as famílias moravam em ruas de nomes amáveis e naturais. Os bairros se chamavam Areal, Jordoa, Cavaco, Madre Deus, Desterro, Camboa, Fé em Deus, Turu, Olho d`Água, Anil.

Nossa rua principal mudou o nome para Oswaldo Cruz. Mas a voz do povo nunca deixou de chamá-la Rua Grande. Tal e qual a Rua do Sol, Rua da Paz, Rua dos Afogados, Rua da Inveja, Rua do Passeio, Rua de Santana, Rua do Norte, etc. Nomes que valorizavam uma paisagem ou um sentimento. E evitavam o "puxa-saquismo" explícito.

Quero voltar a me sentir um homem simples. Não posso passar uma única manhã sem sentir o cheiro da maresia e sem ir – pelo menos uma vez por semana – ao Mercado Central, onde não devo esquecer o "gole" devido ao santo. De todos os sentimentos humanos – vamos admitir – nenhum é mais natural do que o amor pela terrinha, pelo vale ou pelo bairro, pela ilha em que vivemos tão intensamente a adolescência e a primeira juventude.

Não nasci em São Luís, confesso, mas não nego que sou um ilhéu visceral, daqueles que não conseguem morar fora daqui, nem passar um dia sem cumprimentar a Lagoa da Jansen, gigante deitada em berço tão esplêndido.

O berço é lugar único, inconfundível, incomum. Recanto que é chamariz da nossa carne e dos nossos ossos. Arquivo que fala às recordações conscientes ou inconscientes: o cheiro da terra molhada; o pau d'arco explodindo em flores; uma casa velha recendendo a barrotes embolorados; uma janela aberta, emoldurando duas velhinhas que espiam a vida; um perfume barato da barraquinha da Praia Grande; um eco dolente, um bordão repetido, um cheiro de fritura que emana de um bar ou de um sobradão antigo.

Somos, sou, testemunha de tantas mudanças acontecidas neste lugar que mexe com os nossos sentimentos. Proclamo o meu protesto contra esse progresso dito inevitável, mas que muitas vezes se transforma em nosso algoz. Pode parecer piegas – e é – mas pelo menos uma vez por semana não me custa nada lamentar a perda das raízes "lugarenhas".

Não há dia em que não floresça em mim uma "Canção do Exílio", aquela do "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá", verso tão conhecido do poeta conterrâneo Gonçalves Dias. Não só. Meu peito sente falta dos sabiás amigos que já não trinam mais. Os sabiás que hoje moram apenas na saudade e que não passam de "um retrato na parede... e nada mais".

Nossa terra é aquela em que conhecemos todos os vizinhos e em que nos alegramos todas as manhãs com as belezas da ilha – como se fossem reveladas pela primeira vez.

Viver em sua terra é partilhar com os "comuns" o patrimônio da mesma cultura. É consolar-se com o fato de que as gerações vão passando, mas as tradições caminham junto, sem pressa – mas sem renegar ao menos uma tênue "adaptação".

O ideal seria se os nossos pescadores não deixassem de fiar e de lançar suas tarrafas, nossas rendeiras não abandonassem as rendas de bilro e as "tramóias" de bom crivo. E que convivessem, em paz, com os filhos da [Web], a grande-irmã global.

Não pago minhas contas pela rede – ainda não acho seguro, num país em que bandidos telefonam livremente pra todo mundo, de dentro da cadeia, aplicando todo tipo de golpes, inclusive pela "Web".

Não devemos ser ingratos, porém. O computador facilitou nossas vidas, tornou "instantânea" a comunicação universal – e já está, aos poucos, decretando o fim da telefonia fixa. Uma economia para o nosso bolso.

Alguma coisa boa trazem as modernidades. Mas quero voltar a me sentir um homem simples. Do tempo em que a única rede bem visível era a da pesca artesanal.

Mario Vargas Llosa em visita recente ao Museu do Louvre, em Paris

VARGAS LLOSA NO PLURAL

Mais conhecido como romancista, o peruano Mario Vargas Llosa, Prêmio Nobel de Literatura de 2010, é também um crítico literário com obra significativa, embora pouco conhecida no Brasil.

Seu ensaio sobre Madame Bovary, de Flaubert, Orgia perpétua, foi lançado no país há mais de 30 anos e é difícil de ser encontrado. Outro livro dedicado à literatura, A história de um deicídio, sobre Cem anos de solidão, de García Márquez, sequer foi traduzido (como os dois eram adversários pessoais, políticos e estéticos, o livro não deve voltar a ser editado tão cedo), bem como se mantém inédito em português o ensaio sobre o uruguaio Juan Carlos Onneti.

Vargas Llosa no plural...2

Outro dia consegui pescar em um sebo, o estudo de Mario Vargas Llosa A tentação do impossível – Victor Hugo e 'Os miseráveis', que busca decifrar os mecanismos que animam a obra do escritor francês.

Com estilo didático (a obra de Hugo foi tema de curso que Vargas Llosa ministrou na Universidade de Oxford, em 2004), o romancista trata de temas que vão do estilo de Victor Hugo a observações sobre a vida e excentricidades (públicas e privadas) do autor de Trabalhadores do mar.

Vargas Llosa no plural...3

Se a posteridade foi limpando a força política e a simbologia religiosa de Os miseráveis em nome de uma leitura que se volta para a força do enredo e da aventura, Llosa parece resgatar o poder da literatura em mudar a vida do leitor, sobretudo dos jovens. Nos tornamos melhores pela leitura de romances? Essa parece ser uma pergunta que sempre persegue Llosa em seus ensaios literários.

E é essa via que ele segue em sua detida análise de aspectos do livro de Victor Hugo, como o caráter dos personagens, os tipos humanos, o papel das classes sociais, a geografia moral e física dos esgotos de Paris e as ideias políticas e revoluções que se sucedem na obra – e na vida de Hugo. Sem falar na tendência romântica em dar dimensão universal aos eventos particulares narrados no romance: "Os miseráveis é o grande teatro do mundo, objeto tão inverossímil, mágico e totalizador como o aleph borgeano", compara.

Vargas Llosa defende que o romance de Victor Hugo, embora não tenha feito a humanidade "avançar um milímetro" na direção da Justiça e liberdade, talvez tenha sido a obra literária que mais contribuiu para que se desejasse um mundo melhor. O ensaísta, como se vê, valoriza a dimensão política na obra de Victor Hugo.

Novela de Llosa

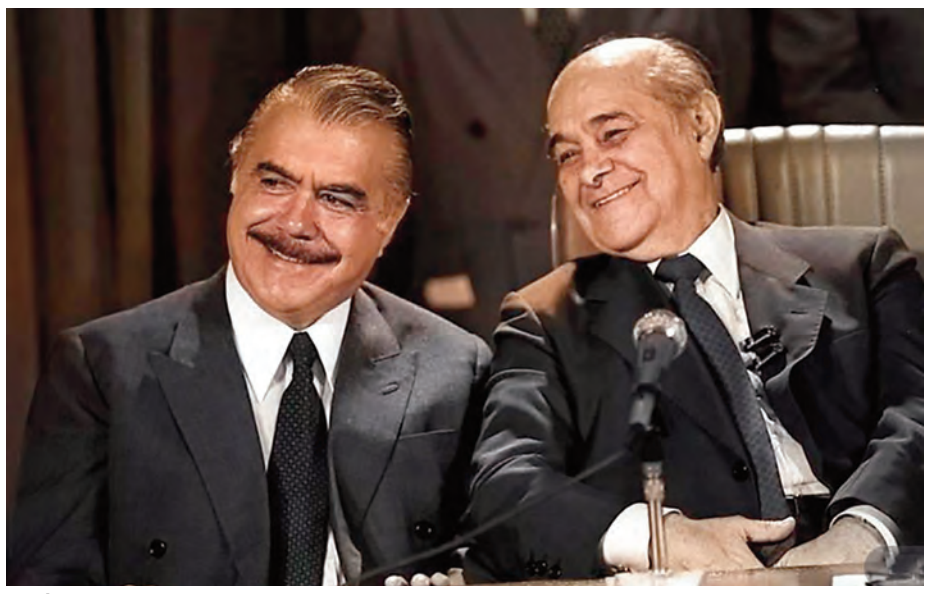
Outro título de Mario Vargas Llosa que comprei em Lisboa é a novela Os filhotes, inédita no Brasil, mas lançada originalmente na Espanha em 1967. À época, o escritor estava nos primeiros passos da carreira literária e havia lançado, com o sucesso, o romance A cidade e os cachorros, que deu origem ao convite para participar da coleção Palabra e imagem, que juntava trabalhos de escritores a fotógrafos de prestígio.

O livro retrata a alta burguesia limenha, em tom ao mesmo tempo vívido e nostálgico, ao acompanhar jovens que descobrem a liberdade, o amor e o sexo.

O personagem Cuéllar começa a narrativa usando calças curtas e dividindo segredos com um grupo de adolescentes como ele, estudantes de colégio tradicional. Ao final, já maduros, todos eles parecem cumprir o desígnio de repetir os mesmos traços burgueses de seus pais.

A edição é ilustrada com fotos do catalão Xavier Miserachs. Um singelo romance de formação, ainda distante dos grandes painéis que o escritor viria a projetar com sua obra madura.

Llosa parece resgatar o poder da literatura em A tentação do impossível e Os filhotes.



José Sarney e Tandredo Neves

POSSE DE SARNEY

Nesta sexta-feira, 15 de março, completam 39 anos da posse do político José Sarney na Presidência da República.

Ele chegou ao mais alto posto da nação brasileira em condições dramáticas, em razão da morte de Tancredo Neves, que encabeçava a Aliança Democrática e venceu as eleições indiretas no Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985.

Na condição de vice-presidente, Sarney assumiu o Poder Executivo do Brasil às 10h da manhã, em sessão conjunta do Congresso Nacional.

Do Congresso, seguiu para o Palácio do Planalto, mas não recebeu a faixa presidencial. Motivo: o presidente João Figueiredo, em atitude censurada por todos, deixou o Governo sem cumprir o ritual republicano, ato que simbolizava o fim de mais de vinte anos de regime militar e o começo da Nova República.

Sarney, sem demonstrar preocupação com a descortesia do ex-presidente, leu o discurso de posse de Tancredo, no bojo do qual uma frase virou manchete: "É proibido gastar".

Ano de emoções

O senador José Sarney vai viver este ano muitas e fortes emoções.

O ponto alto será a celebração dos seus 94 anos de idade, que transcorrerá no dia 24 de abril. A efeméride será comemorada em Brasília.

Além dos 94 anos, Sarney, em 2024, se dará ao luxo de comemorar 54 anos da primeira eleição para o Senado da República; 44 anos da investidura na Academia Brasileira de Letras.

No Brasil, raros políticos conseguiram se igualar a José Sarney quando se tem em mente os cargos, as funções, as atividades, as missões a ele confiadas e exercidas ao longo da vida pública.

Elis essencial

Esta semana, ganhei de um amigo duas caixas que ele tinha guardadas e que reúnem discos de carreira e raridades das décadas de 1960 e 1970. Nelas, 25 CDs trazendo o essencial de sua (extensa) fase madura de Elis Regina, que tive o prazer de ser um de seus cicerones durante a última visita que ela fez a São Luís e aqui se hospedou com Carlos Alberto Moraes Correia, nosso grande amigo.

Lançados pela Universal Music, Elis Anos 60 (com 10 discos de carreira e dois de raridades) e Elis Anos 70 (11 discos de carreira e um duplo de raridades) incluem os álbuns gravados entre 1965 e 1979 pela antiga Phonogram/Philips.

Dos fundamentais, ficaram de fora Elis, Essa Mulher (1979), lançado pela WEA, que inclui O Bêbado e a Equilibrista; o último disco de carreira, Elis, do selo EMI-Odeon, e Saudade do Brasil, pela Elektra/WEA, ambos de 1980. De resto, não há muitas lacunas, já que os primeiros álbuns dos anos 1960 – embora já anunciassem um grande talento – têm hoje valor documental.

Elis essencial...2

A primeira caixa traz o momento em que Elis se torna Elis, com a voz e o repertório que viria a definir a sigla MPB.

São interpretações de compositores na época também iniciantes e que ela ajudou a consagrar, como Edu Lobo. Exemplo disso é Samba Eu Canto Assim (1965), primeiro disco lançado pela Philips.

Se você tiver de escolher apenas uma das caixas, no entanto, já que o investimento é grande, vá para Elis Anos 70, que traz discos memoráveis como Ela (1971), com Black Is Beautiful, e os vários intitulados Elis: o de 1972, com Atrás da Porta; o de 1973, com músicas de Gilberto Gil e da dupla João Bosco e Aldir Blanc; o de 1974, com destaque para três canções de Milton Nascimento e Fernando Brant; e o de 1977, de Romaria.

É bom lembrar que os imprescindíveis Elis & Tom (1974), da célebre versão de Águas de Março; e Falso Brilhante (1976), de Como Nossos Pais e Fascinação, ambos aqui presentes, já tiveram reedições definitivas em CD/DVD áudio pela gravadora Trama – de modo que, se você estiver interessado em excelência de som, vale a pena buscar estas versões avulsas.

Elis essencial...3

Embora os discos das duas caixas apareçam remasterizados, são basicamente os mesmos do pacote Transversal do Tempo, de 1998. Os novos encartes reproduzem mais fielmente a arte dos LPs originais. A dificuldade de encontrar muitos desses títulos para venda individual também é um atrativo.

Os fãs que já têm a discografia da cantora em suas prateleiras podem ficar balançados pelos CDs com raridades. Elis Anos 60 traz Pérolas Raras, coletânea lançada em 2006 com versões alternativas e músicas para festivais, e Esse Mundo É Meu, uma compilação de gravações de 1965 a 1968.

No CD duplo de raridades da caixa Elis Anos 70, intitulado No Céu da Vibração, estão curiosidades para os ouvintes, com interpretações de Boi Barroso (adaptada por Rogério Duprat), Porto dos Casais (Jaime Lubianca) e Os Homens de Preto (Paulo Ruschel).

Os encartes das duas caixas trazem depoimentos de pessoas que conviveram com a artista. A conclusão, previsível, é que a cantora sobrevive aos modismos da música brasileira. E continua essencial.

Elis e uma paixão maranhense

Durante mais de 30 anos o cantor maranhense Gabriel Melônio homenageava, sempre, em janeiro, o "furacão" Elis Regina.

E nem tudo era sempre igual. Em cada show Gabriel renovava sua paixão por essa grande mulher e dona de uma das vozes mais bonitas de todos os tempos da Música Popular Brasileira.

Este ano, Gabriel não realizou o show de saudade de Elis Regina.

A voz marcante, a forma, a interpretação e versatilidade de Elis Regina, ou "pimentinha", como era carinhosamente chamada pelo saudoso poeta Vinícius de Moraes, vai para além dos discos de vinil reproduzidos em agulhas raras de um gramofone e em nossa memória sensitiva.

Elis se foi há 42 anos (19 de janeiro de 1982) e se imortalizou. Sua voz matinal reafirma esse vício de eternidade que a gente tem.

Abandono de idosos

Uma das mais cruéis formas de abandono é ver alguém deixando o pai ou a mãe na solidão do esquecimento. Basta visitar qualquer asilo para encontrar histórias assim. Em geriatrias particulares, o drama se repete: filhos pagam para assegurar cuidados, mas simplesmente desaparecem.

Quem faz isso tem suas razões. Não é fácil lidar com a velhice do outro, ainda mais em casos de demência e outras doenças degenerativas. Você paga para que alguém cuide de quem você não consegue mais cuidar. Faz parte. Mas isso justifica a ausência? E os casos em que há maus-tratos?

Com o envelhecimento da população, o abandono de idosos é cada vez mais comum, e vem sendo objeto de estudo em diferentes áreas, inclusive na jurídica. Especialista em Direito de Família e Sucessões, a advogada Rafaela Rojas Barros vai lançar um livro sobre a temática na próxima semana, em Porto Alegre. Conversei com ela. Rafaela decidiu se aprofundar no assunto - tema de seu mestrado na Fundação Escola Superior do Ministério Público - a partir de casos que chegaram ao escritório envolvendo situações-limite.

No livro Abandono Afetivo da Pessoa Idosa e Exclusão da Herança (Editora Dialética, 216 páginas), ela mergulha na legislação brasileira e discute a quebra do dever constitucional (cuidar dos pais) como motivo para deserdar um filho.

Pesado? Sim. O fato é que o Brasil tem amplo arcabouço de leis e políticas de proteção para os 60+, mas a especialista detectou brechas e defende a atualização das normas. O abandono, reforça Rafaela, assume diferentes formas, muitas vezes, dentro dos próprios lares, o que torna a situação ainda mais grave.

Eleições Municipais de 2024

O tempo da eleição está passando. E os candidatos precisam ficar de olhos bem abertos quanto aos próximos prazos a serem cumpridos por quem vai disputar um mandato.

A Resolução nº 23.738/2024 estabelece os prazos do pleito deste ano. No documento, é possível conferir até quando os interessados em se candidatar a prefeito, vice-prefeito e vereador, cargos em disputa em 2024, podem, por exemplo, realizar a filiação partidária, ou até quando novos eleitores e eleitoras podem solicitar o título eleitoral.

Não custa nada lembrar: de 7 de março a 5 de abril, é possível a desfiliação partidária para mudança de legenda por vereadoras e vereadores que queiram continuar no cargo ou pretendam concorrer ao cargo de prefeito.

Já a filiação partidária para se candidatar em 2024 deve ser feita até 6 de abril, ou seja, seis meses antes da eleição.

Eleições Municipais e prazos...2

Dia 6 de abril é a data-limite para que partidos políticos e federações que queiram participar das Eleições 2024 registrem, no TSE, os respectivos estatutos. As pessoas interessadas em participar das Eleições 2024 devem estar com domicílio eleitoral registrado no município que desejam concorrer até 6 de abril.

Se os ocupantes dos cargos de presidente da República, governador e prefeito quiserem disputar outros cargos nas Eleições 2024, devem renunciar aos mandatos em exercício até 6 de abril.

8 de abril é o prazo para que eleitoras e eleitores domiciliados no Brasil que não têm cadastro biométrico na Justiça Eleitoral (JE) solicitem alistamento, transferência e revisão pelo serviço de Autoatendimento Eleitoral na internet.

Jovens que queiram tirar o primeiro título de eleitor também devem iniciar seu alistamento pelo Autoatendimento Eleitoral até 8 de abril.

Eleições Municipais e pazos...3

Quem já tem cadastro biométrico na JE pode solicitar os mesmos serviços em todas as unidades da Justiça Eleitoral e no serviço de Autoatendimento Eleitoral até 8 de maio.

De 9 de maio a 5 de novembro, fica suspenso o recebimento de solicitações de alistamento, transferência e revisão eleitoral em todas as unidades da JE e Autoatendimento Eleitoral na internet.

De 15 a 17 de maio, será realizado o Teste de Confirmação para checagem das correções apontadas pelas investigadoras e pelos investigadores no Teste Público de Segurança da Urna (TPS) realizado de 27 de novembro a 2 de dezembro de 2023.

Eleições Municipais e prazos...4

A partir de 15 de maio, pré-candidatas e pré-candidatos poderão iniciar a arrecadação prévia de recursos na modalidade de financiamento coletivo, desde que não façam pedidos de voto e obedeçam às regras relativas à propaganda eleitoral na internet.

Já em 20 de julho, partidos, candidatas e candidatos devem enviar à JE os dados sobre recursos financeiros recebidos para financiamento de campanha eleitoral, observado o prazo de 72 horas do recebimento desses recursos, para fins de divulgação na internet.

E os partidos políticos que queiram renunciar ao Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC) têm até 3 de junho para comunicar a decisão ao TSE.

Eleições Municipais e prazos...5

De 20 de julho a 5 de agosto, partidos e federações poderão realizar convenções partidárias para deliberar sobre coligações e escolher candidatas e candidatos aos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador.

Após a definição das candidaturas, as agremiações têm até 15 de agosto para registrar os nomes na Justiça Eleitoral.

Até 20 de agosto, o TSE deve divulgar os percentuais de candidaturas femininas e de pessoas negras por partido para a destinação dos recursos do Fundo Partidário e do FEFC, calculados sobre o total de candidaturas que constam de pedidos coletivos (RRC) e individuais (RRCI) no território nacional, para a destinação de tais recursos públicos.

Fotos/Divulgação

RICARDO COSTA E CRISTIANA Duailibe Costa com os dois filhos: Eduardo José (o mais novo) e João Ricardo (o mais velho), lindos netos de Virgínia e desembargador Ricardo Duailibe

O EMPRESÁRIO LUCIANO Gomes curtindo a bela filha Rafaela, em noite festiva em sua reasidência

O novo espelho de Narciso

Os cartunistas são cruéis e mais certeiros do que os mestres da acupuntura, pois costumam espetar os seus grafites nos pontos mais sensíveis da vaidade humana. Uma vez vi um cartum em que o personagem caricaturado acabara de escrever o seu primeiro livro, depois de anos de trabalho, e exclamava exultante:

– Agora vou ficar famoso!

Atrás dele, apareciam várias estantes com milhares de livros, escritos por milhões de autores igualmente condenados ao anonimato eterno.

Quando a televisão estava no auge (ainda está?), o artista norte-americano Andy Warhol prognosticou que no futuro todos teríamos 15 minutos de fama. O futuro daquela previsão já chegou. E trouxe outras ferramentas para a carpintaria da notoriedade, ofício ao alcance de todos.

O novo espelho de Narciso...2

A moda, agora, é o blog, que permite a qualquer pessoa expor suas preferências, suas imagens e suas ideias para o mundo. Talvez não garanta a fama imaginada pelo humorista, mas possibilita algum reconhecimento – o que, de certa forma, satisfaz a inquietude por celebridade.

O blog, que já mais de 20 anos com esta denominação, é o novo espelho de Narciso da parcela da humanidade que acessa computadores. Surgiu como um espaço para os internautas colocarem as sugestões dos endereços de internet que costumavam visitar, mas logo se transformou num canal propício à divulgação de causas absolutamente pessoais.

Hoje todo mundo é blogueiro e tem alguma coisa para dizer ou para mostrar. Pouco importa para essa gente que as estantes do mundo virtual também pareçam cheias.

O novo espelho de Narciso...3

Aonde vai dar tudo isto? É difícil saber. Outro dia uma amiga devoradora de livros me chamou a atenção para o aumento do estresse da vida moderna, lembrando que as múltiplas opções tecnológicas parecem estar elevando o grau de ansiedade das pessoas.

Ela me perguntou se eu utilizava e-mails. Diante da resposta positiva, disse que para os adolescentes isso já é coisa antiga. Eles só querem saber de comunicação instantânea, com respostas imediatas. Esperar que alguém responda a um e-mail, diante da perspectiva de que o destinatário nem esteja conectado, seria para eles o equivalente a aguardar uma carta de papel pelo correio. Os jovens não têm mais paciência para isso.

Habitantes do futuro, somos assim, então: queremos nos expressar, queremos mostrar ao mundo quem somos, o que fazemos, como somos brilhantes. E temos pressa, muita pressa. A tecnologia abreviou as distâncias, mas não consegue deter o inexorável relógio do tempo. E o tempo, matreiro, continua armando ciladas para os incautos.

Foi nessa armadilha que caiu Narciso, embriagado de vaidade.

Passeio divertido

Há algum tempo – não consigo precisar a data – ganhei de um amigo um exemplar do livro "Lendas, Mitos e Mentiras", de Richard Shenkman. Que ficou guardado na estante até a semana passada, quando decidi mergulhar nesse divertido passeio pela história do mundo, desde a Guerra de Tróia à Segunda Guerra Mundial.

Nele, o autor Richard Shenkman apresenta personagens e eventos fictícios e reais de forma humorada e documentada, exibindo revelações contundentes que provam que boa parte da história é realmente 'uma fábula sobre a qual as pessoas concordam'.

E durante a leitura podemos ver que grande parte da história tal como a conhecemos sofreu adaptações no desenrolar dos fatos e do tempo, para que se tornasse aceitável à opinião pública de cada época.

E de tanto serem propagadas, tornaram-se verdades incontestáveis.

Livro instigante

"Lendas, Mitos e Mentiras" é, sem dúvida, um livro instigante, polêmico e eclético. A impressão que se tem é de que o que nos ensinaram a respeito das grandes revoluções que mudaram o mundo, das religiões e dos reais interesses camuflados pelo domínio da fé, dos destemidos heróis, dos grandes inventores e seus inimagináveis inventos, afinal muito do que conhecemos ou que passamos a conhecer pelos meios de comunicação deve ser questionado.

Richard Shenkman revela que boa parte da História é "uma fábula sobre a qual as pessoas concordam". Porque cada verdade tem sua própria versão. E a que aprendemos, quase sempre, é escrita pelos vitoriosos, "filtrada pelo prisma de seus preconceitos e interesses".

Grandes mentiras

Para Richard Shenkman, não é verdade, por exemplo, que Nero tocava harpa enquanto Roma queimava; ou que o rei Artur (se é que existiu) morava num castelo; muito menos que Cleópatra, a rainha egípcia (que nasceu na Grécia) era linda.

Nem é verdade que Maria Antonieta (mulher de Luis XVI, rei da França) teria dito a uma multidão faminta em frente ao palácio de Trianon: "Se o povo está com fome e não tem pão, que coma brioche".

Para o escritor, ela nunca disse isso. "Receio que jamais tenha dito algo que merecesse ser citado".

Verdade apenas, em toda essa história de Maria Antonieta, é que aqueles eram mesmo tempos difíceis. Aristocratas comiam brioches, feitos com trigo refinado. Enquanto o povo tinha que se contentar com pães de massa escura, rústica e grosseira. Feitos de vários jeitos: com bolotas de carvalho, sementes de uvas secas, casca de nozes e farinha de cevada (em certos casos, de aveia); ou juntando restos de farelo de vários cereais, que sobravam nos campos onde eram ceifados.

Os protestos

Aquele protesto diante do Trianon, com certeza, não foi o primeiro. Pouco antes, a população furiosa tomara de assalto a Boulangerie du Faubourg Saint-Antoine (Paris), exigindo que lhe servissem pão branco.

Não atendidos, foram até o Palácio de Versalhes. Para que o rei trouxesse de volta, a Paris, todos os "boulangers" (padeiros) e "petits mitrons" (ajudantes de padeiro) então em serviço nos palácios dos nobres.

Depois Maria Antonieta acabou presa na Conciergerie. E perdeu a cabeça numa estranha máquina que acabara de ser inventada por certo Dr. Guilhotin. Mas essa é outra história.

Origem das frases

Os estudiosos quase sempre precisaram de tempo para encontrar a origem das frases. E essa dos brioches, a descobriram em as "Confissões" de Rousseau – que atribui o dito a uma jovem princesa. Sem que se saiba o nome dessa mulher desumana e sem sentimentos.

Certo é que "não poderia ter sido Maria Antonieta, já que ela ainda não nascera à época em que a observação teria sido feita".

Sem contar que o brioche também nasceu bem antes dela. Sem consenso quanto a sua origem.

Erro de muitos

Pronunciar frases desastrosas não é privilégio de princesa. Aqui mesmo, não faz muito tempo, outra mulher poderosa, uma ex-ministra, seguiu seu exemplo. Quando aconselhou passageiros, indignados com os repetidos atrasos dos aviões, a "relaxar e gozar".

Nem original foi. Que essa frase "se o estupro é inevitável, relaxe e goze" já havia sido dita antes, por Tex Antoine – o homem da previsão do tempo de uma televisão americana.

Maria Antonieta perdeu a cabeça, literalmente. Tex Antoine, o emprego. Já a ministra paulista, a chance de manter a boca fechada. E talvez por isso caiu no esquecimento.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves

O cantor e compositor Rick recebeu calorosos aplausos da plateia que fez coro com ele em muitas músicas durante o show

BELA NOITE NA SEDE DA AABB

No fantástico filme O Baile, de Ettore Scola, quase meio século da ainda recente história europeia é reproduzida no mais improvável dos cenários, um salão de danças em Paris, frequentado por solteirões e solteironas que dançam, flertam, brigam, reconciliam-se, mas sempre saem sozinhos.

Os anos vão passando: os anos da ascensão dos partidos de esquerda, os anos da ocupação nazista, a Libertação, maio de 1968... Detalhe: nenhum dos magníficos atores e atrizes diz sequer uma palavra.

O filme é completamente mudo, governado inteiramente pela música e pelos gestos dos personagens. Quando terminamos de vê-lo, ficamos maravilhados e concluímos: o baile é a vida. E isto explica o papel que os bailes e as reuniões dançantes desempenharam em nossa própria existência.

E por que o baile é a vida? Porque ela é uma ritualizada e aceita forma de aproximação entre as pessoas. O baile é a música e a dança, duas coisas que permitem a liberação de nossas emoções. O baile mobiliza o que temos de mais vital em nós e nos ensina uma lição: dançar é muito bom, dançar é uma coisa vital.

Ettore Scola tinha razão: a história da humanidade poderia ser retratada num gigantesco baile, de preferência à fantasia, inaugurado por Adão e Eva.

E foi com um baile, como nos bons velhos tempos, que os empresários Célia e Almistron Marinho levaram para o imenso salão de festas da sede social da AABB, com muito esplendor e beleza, um pouco do que ainda resta de alegria, charme e glamour dos velhos bons tempos.

E como baile é, principalmente, música e dança, merece especial destaque as participações da cantora Adriana Bosaipo que, com muita desenvoltura e talento, abriu caminho para a apresentação mais esperada da noite: do veterano cantor sertanejo Rick Sollo, que fez sucesso com a dupla "Rick & Renner".

Rick fez uma apresentação de gala, interpretando um repertório de seus maiores sucessos, muitos dos quais com o público fazendo coro durante a apresentação do artista que ainda chamou ao palco jovens talentos como Cesinha (César Martins) e Lucas Seabra, que também fazem carreira e sucesso pelo viés da música sertaneja.

Calheiro Marinho (diretor comercial da AmoVinho e idealizador da marca Almar) com os pais, Almistron Marinho e Célia Marinho (sócios proprietários da AmoVinho) e a irmã Luana Marinho

Márcio Barbosa, Alipio Moraes, o cantor Rick e o Repórter PH

A cantora Adriana Bosaipo

Thais Maniz

O cantor Lucas Seabra com o Repórter PH

Francisco Lobato, Karlay Almeida, Anderson Galdino (em pé), Fulvia Fechine, Fernanda Melo e Lillian Nicolette

Alipio Moraes, o Repórter PH, Marcio Barbosa, Wine Schumacher e sua amiga Cinthia

Antonio Iris Oliveira, Maria do Carmo, Rick, Luíza Amélia e Marcone Borges

Fotos/Divulgação/Herbert Alves

Benício Pontes Gomes e Ana Leopoldina Falcão com Verônica e Paulo Falcão

Alipio Moraes, o cantor César Martins (Cesinha), João Marcelo Sá e Márcio Barbosa com o Repórter PH

Cesinha subiu ao palco e cantou com Rick

O cantor Cesinha com o Repórter PH

Rick entre Arthur Benazzi e Natália

Tatiana e Antonio Cavalcante Fernandes

Mailson Neves e Thaís Muniz

Totó Muniz e Maria

Grupo de charmosas mulheres atentas ao show de Rick

Anderson Galdino e Fuvia

Giovanni Spinucci com o anfitrião Almistrom

João Alberto e Célia Guimarães

Thaise Faques e Alex Barbosa

Lorena Guimarães e Evandro Rodrigues

Suleima Neves e Evandro Jr.

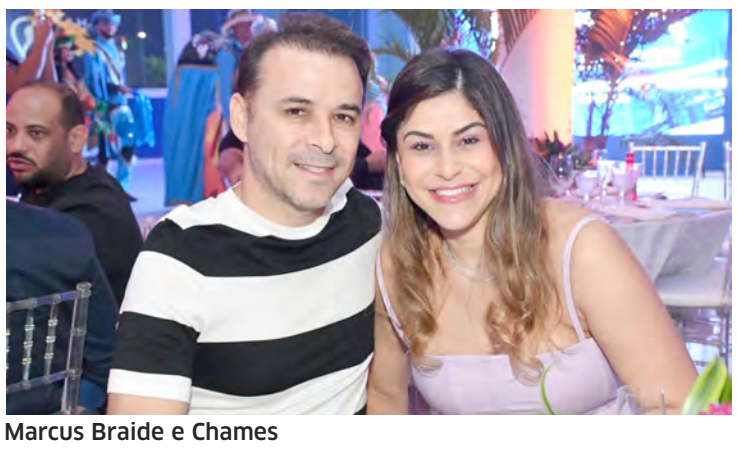
Flávio Roberto e Diana Tavares

Anderson Galdino e Almistrom Marinho

Consultor Bernardo Costa, empresário Anderson Galdino e advogado Werner Bauer

Edem Nicolau e Valéria Sales

Augusto e Gessyka Ferreira


Marcus Braide e Chames

Plínio Túzollo

Lucas Seabra e Rick

Luana Prazeres e Leãozinho Santos

O QUE SEMPRE NASCE

Reprodução

Viver em Paris é como estar numa festa terrivelmente tarde da noite. Você está cansado, com dor de cabeça desde que chegou, mas não pode ir embora porque senão perderá a festa

1 Sinto saudade dos tempos em que, pelo menos três vezes por ano, eu me permitia gozar miniférias no exterior. Veio a pandemia e até hoje não consegui retomar o que de certa forma era uma rotina em minha vida. Eram férias rápidas, duravam muito pouco, mas era tempo suficiente para serem lembradas como momentos inesquecíveis. Certa vez cheguei a dizer que se soubesse que elas durariam tão pouco, teria seguido aquela falsa – mas nem por isso desprezível – receita atribuída ao mestre de Ficciones, Jorge Luis Borges, despedindo-se da vida:

– Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios, iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvetes e comeria menos lentilhas, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários, soltaria mais pandorgas e perseguiria mais balões, cujas buchas apagaria de um sopro...

Ou seja, trocaria a vida por uma sábia alienação, posto que está cada vez mais difícil viver o duro chão da realidade. A humanidade, definitivamente, não deu certo e não há perspectivas de que venha a funcionar um dia.

2 De volta a São Luis, sempre reencontrava o Sol que deixara aqui nos trópicos. E relia o Hemingway de O Sol Também se Levanta, seja aqui ou na ensolarada Espanha, chão que aqueceu a alma dos jovens escritores dos anos 1920. Todos corriam ao encontro do Sol, para que este aquecesse suas moleiras. Lá, em terras de Castela, em Paris, na Riviera Francesa ou nas Plazas de Toro de Madrid e Sevilha.

A propósito: a novela de Papa Hemingway era muito melhor do que o filme – Agora Brilha o Sol, dirigido por Henry King – uma adaptação difícil, apesar da luminosa beleza de Ava Gardner e dos bons desempenhos de Tyrone Power e Errol Flynn.

Esse tal de "Sol" produz uma reação química no cérebro e no coração dos homens, despertando-lhes um sentimento de euforia, caracterizado por uma certa alegria inexplicável.

3 Os franceses são capazes de produzir grandes blockbusters (livros de enorme sucesso), cheios de ação, milionários. Também são craques em narrativas comerciais, como provam suas inúmeras produções refilmadas pelos americanos. Mas a França ainda é e sempre foi o centro internacional da cultura humanista. Não pode jamais querer ser americana, sob pena de sofrer um AVC, Acidente Vascular Cerebral, como acontece com o protagonista de O escafandro e a borboleta (2007), de Julian Schnabel.

O jornalista Jean-Dominique Bauby, editor da Elle, interpretado por Mathieu Amalric, está no auge: carro novo, rico, bem sucedido, invejado e pretensamente livre. Deixou a família e evita qualquer relacionamento maduro com as mulheres. Quando tem o derrame, descobre que se afastou das coisas essenciais, do amor, da responsabilidade, dos filhos, da cultura. Pelo olho esquerdo, que ainda está vivo e em movimento, ele vê o resultado do choque entre a vida estéril e o acervo acumulado que abandonou.

No fundo, tinha deixado à deriva seu próprio país ou o que há de melhor nele.

4 No filme, uma das coisas essenciais que voltam é a memória. Marcel Proust, no capítulo Combray, do livro No Caminho de Swan, escreveu: "Quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas – sozinhos, mais frágeis, porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis – , o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação".

Esses vestígios imateriais são representados, no filme, pelos espíritos, que vagam arrastando suas longas vestes e cercam o paciente terminal de visões, atenção e afeto.

Tudo some da vista, o dinheiro, o crédito, a casa hipervalorizada. Vemos então que essas evidências eram a ilusão dos nossos sentidos bem nutridos, que o sentimento de devorar o mundo todos os dias não tinha base sólida.

Em O escafandro e a borboleta, a vida desperdiçada, sem conexão com o passado, dá lugar à criação e à emoção, presas num corpo imobilizado.

5 Divagações à parte, sou do tipo de viajante para quem melhor que viajar só mesmo viajar sem compromissos de turista. Marujo de primeira viagem que chega a Paris tem de fazer a via sacra: Louvre, d'Orsay, Pompidou, Champs-Elysées, Opera, Arco do Triunfo, Montmartre, Notre Dame, torre Eiffel.

Você pode até mesmo não subir, mas terá de no mínimo de dar uma olhadela na dama de ferro.

De minha parte, acho que levei uns vinte anos para decidir-me a subir na torre. Nas minhas primeiras andanças em Paris, sempre me pareceu de uma vulgaridade extrema, um lugar comum abominável, subir na torre Eiffel. Alguns anos mais tarde, concluí que era preconceito meu. Tentei cumprir o ritual de milhões de turistas. Não deu. Havia filas de mais de duas horas em três patas da torre. Na quarta pata, destinada aos atletas que topavam subir a pé, havia pelo menos quinhentas pessoas. Claro que não subi.

Anos mais tarde, milagre dos milagres, passei por lá num dia em que as filas estavam curtas. Foi assim que, visitando Paris quase todos os anos, só depois de uns 20 subi na torre Eiffel, quase por acaso.

6 Na minha viagem mais recente, era fim de inverno, mas com a Europa ainda gelada, meu descompromisso com monumentos foi total. Verdade que acabamos sempre tropeçando neles, ou Paris não seria Paris. Desta vez, dediquei-me a meu esporte predileto: a visita a livrarias, galerias de arte, bares e restaurantes.

Para a torre Eiffel só fiz um vago aceno, e isso de muito longe. Montmartre, muito rapidamente para uma prece na Sacre Coeur. La Défense, nem pensar. Não combina com o meu olhar essa Paris insólita e com ares de Nova York. D'Orsay, só para rever A Bailarina, de Degas, e Louvre, só de passagem rumo a algum boteco ou restaurante estrelado.

De cara, um choque: a P.U.F., aquela acolhedora e farta livraria da Place de la Sorbonne, com cinco andares de livros, não existe mais. Se bem que o fim de uma livraria não faz nenhum abalo na Cidade Luz. Paris oferece ainda mais de quatro centenas. Mais as FNACs, megamagazines dedicados à música, livros e eletrônicos. Em matéria de livros, CDs e DVDs, a quantidade é tal que chega a assustar o cliente. Melhor ir logo às estantes especializadas, escolher o que se quer e fugir às pressas das tentações das compras por impulso. Sem falar que livro pesa na volta.

7 Quanto a bares e restaurantes, Paris parece sempre a mesma. Quando a visito, posso me dar ao luxo de eleger casas com mais de século. Lá estão, imutáveis, como se o tempo não tivesse passado, o Dôme, Deux Magots, de Flore, la Rotonde, cafés sempre charmosos mas que prefiro evitar, por demais turísticos.

Mesmo assim, entrei no Deux Magots. Era uma tarde fria e com muita sorte consegui uma mesa dentro do café. Na Brasserie Lipp, em frente ao Deux Magots, só com hora e meia de espera.

No Le Tain Bleu, passado o horário do almoço só me servem um lanche. O suntuoso restaurante dentro da estação de trem Gare de Lyon é de estilo Belle Epoque e foi construído para a Exposição Universal de 1900 ao mesmo tempo que o Grand Palais, Petit Palais e a Ponte Alexandre III.

Hoje em dia o restaurante está tombado como patrimônio histórico nacional.

8 Dura é a luta pela comida em Paris. Passo em frente ao Procope e faço uma volta no tempo. Fundado em 1686 e tido como o mais antigo café do mundo, Le Procope foi frequentado por La Fontaine, Molière, Racine, Robespierre, Rousseau, Voltaire, Diderot, d'Alembert e demais enciclopedistas, Balzac, Victor Hugo, Verlaine, George Sand, Anatole France. Nele, Benjamin Franklin trabalhou na redação da declaração de independência dos Estados Unidos.

Numa vitrine, há um chapéu de Napoleão Bonaparte, que o teria deixado como garantia de uma dívida.

Instalado em uma antiga casa de banhos turca, tem interiores belíssimos e – surpresa! – cardápio com preços relativamente humanos.

9 Não muito distante dali, na Place de Vosges, onde morou Victor Hugo, está o sempre refinado L'Ambroisie, reputado por ter um dos chefs mais estrelados de Paris, Bernard Pacaud. Mas seus padrões culinários estão em declínio. O carré de Cordeiro de leite que o Warwick Trinta prepara no Bistrô Alameda Trinta, em São Luís, é melhor. A decoração lembra um palazzo italiano. E os pratos mudam com as estações e pode incluir truffas brancas ou um poulard de Bresse demi-deuil (frango assado com trufas negras). Refestelei-me com esses sabores que, às vezes, me faltam em São Luís.

Faço uma lírica incursão no Bel Canto, um restaurante onde o mundo é realmente um palco. A casa possui um staff de garçons-cantores (estudantes e professores do Conservatório de Paris) que durante a refeição cantam árias de Puccini, Bellini, Rossini, Mozart, Verdi, etc. Com seu menu lírico, Le Bel Canto deve ser um dos segredos mais bem guardados de Paris.

Na rue de Rivoli, uma rápida pausa para tomar o chocolate quente do Angelina, uma delícia! A casa de chá super celebrada entre os franceses exibe, com orgulho, um de seus recordes: 300 "Mont Blanc", a especialidade da casa à base de "merengue, crème de marron vanillée et chantilly", servidos diariamente!

Do lado direito do Angelina fica o célebre Hotel Maurice. Há mais de 200 anos Le Meurice tem sua história entrelaçada com a história da França, e com as evocações culturais e gastronômicas de Paris.

Fundado em 1835, com uma arquitetura absolutamente clássica fincada ao pé do jardim des Tuileries, no centro de Paris, o hotel ousou chamar o frenético arquiteto Philippe Starck para renovar suas áreas comuns. E, de quebra, o chef Yannick Alléno, que conquistou 3 estrelas do Guia Michelin para o imponente restaurante, cuja decoração foi inspirada no Salão da Paz do castelo de Versailles (que permanece em sua essência) e hoje pertence à cadeia de restaurantes do Alain Ducasse, no qual desponta uma jovem Chef maranhense. Hoje se veem cortinas bufantes (embora discretas) e gigantescas peças de cristais Baccarat (cuja transparência as integra com delicadeza no ambiente) em contraponto com os bronzes, mármores e afrescos originais. São o cenário para uma cozinha criativa e quase sutil, por mais que se apegue a tradições.

Aliás, quando ali estive, havia algo em comum na presença de dois artistas – o arquiteto Philippe Starck e o chef Yannick Alléno. Starck não é radicalmente futurista. Ele antes combina elementos tradicionais com interferências modernas e combinações alucinantes de elementos de várias épocas. Alléno, longe de ser um Ferran Adrià, criador de técnicas revolucionárias, é um garimpeiro de sabores tradicionais, os quais manipula de forma extremamente habilidosa e moderna, conferindo uma delicadeza emocionante a fórmulas que estão na memória gustativa dos franceses e de boa parte da cozinha ocidental. Há mais de ano ele cedeu o lugar para a equipe do Alain Ducasse.

10 É essa a Paris que me fascina. Paris e seus sabores, seus bistrôs, seus molhos que nos enfeitiçam e que nos dão tanto prazer que achamos que estamos sonhando.

Frequento essas casas há mais de três décadas e são sempre iguais. Nelas só mudam os preços e os garçons.

É de supor-se que desde séculos tenham a mesma configuração e esta é a magia das capitais europeias, a sensação de transportarmo-nos para séculos passados ao entrar em um restaurante.

Acordei cedo para me despedir de Paris. Abri a janela e, por mais incrível que possa parecer, um tímido raio de luz acertou meu rosto em cheio. Para aproveitar ao máximo o raro momento, fingi que ele me cegava. Era o sol, cortando o até então impenetrável bloco de nuvens cinzas que dominou Paris na primavera de março de 2010.

Fotos/Divulgação/Herbert Alves

O Repórter PH brindando de champã com a empresária Graça Lúcio

O jornalista gastronômico Eduardo Girão

UMA NOITE MINEIRA EM SÃO LUÍS

A arte da fabricação de queijos é muito antiga. Surgiu há uns 12 mil anos, antes do nascimento de Cristo. O queijo primitivo era feito de leite coagulado, sem soro e sal!

A partir da Idade Média, a fabricação de queijos se tornou mais rigorosa, em termos de qualidade. Foram os monges católicos que começaram a variar na sua receita. A fim de depurar o paladar, foram adicionados esporos de fungos e leite.

Nos séculos XIV e XV, teve início a competição entre os produtores de queijo. Quem detinha mais segredos, vendia mais. Essa disputa dura até hoje.

A partir do século XIX, com a imigração dos europeus às Américas, o queijo começou a ficar famoso mundialmente. A produção, além de artesanal, passou a ser industrial. Deu-se, então, uma revolução na fabricação de queijos: a pasteurização.

No Brasil, o queijo mineiro é um dos mais populares e apreciados. Sua textura macia e sabor intenso conquistam paladares de todo o país. E dessa certeza ninguém se afastou enquanto durou a noite de degustação realizada pela sofisticada loja Coisa Mineira, de Graça Lúcio, que trouxe o jornalista gastronômico Eduardo Girão para apresentar os famosos queijos da Serra Mantiqueira, da Serra do Espinhaço e – a mais famosa de todas – da Serra da Canastra.

Não faltaram champagne, drinques especiais e um delicioso molho pesto, que é receita da casa que possui uma variedade de delícias preparadas com produtos mineiros.

Joaquim e Jacira Haickel

Giovanni Spinucci e Isadora entre Graça Lúcio e Jacira Haickel

Patrícia Heluy e o filho Matheus

Dora Lúcio, Reno Freitas, Graça Lúcio e Eduardo Girão

Eduardo Girão, Mariana Lúcio, Graça Lúcio e Denise Girão

Lia Silva e Thayz Albuquerque

Elie Georges Hachem e Jana

Guga Fernandes com o Repórter PH

A equipe que faz a Coisa Mineira acontecer: Lucas Lúcio, Linete Saraiva, Natália Silva, Dora Lúcio, Graça Lúcio e Simone Moreno

Leonardo Cesar e Amanda Couto

O charmoso garçom Igor Ângelo servindo champagne

Graça Lúcio e Guga Fernandes

O Repórter PH e Camila Ribeiro Gonzales (da Levain São Luís – Pães artesanais)

Leandro Furlan, Graça Lúcio e Lucas Gabriel

Evandro Júnior
evandrojr@mirante.com.br

TAPETE VERMELHO

_evandrojr
@evandrojr

Fotos/Divulgação

Cantora Fabrícia inaugura Cantinho do Desejo, espaço instagramável no Casarão Colonial

Domingueiras no Casarão Colonial na reta final'

Um dos espaços musicais de maior sucesso da história do Centro Histórico de São Luís, o Casarão Colonial, instalado na Rua Afonso Pena, terá programação animada neste domingo (17), a partir das 16h, com duas novidades para seu público fiel.

Uma delas é o 'Cantinho do Desejo', espaço instagramável que possibilita aos amantes da casa registrarem momentos de alegria para a posteridade. Além disso, a proposta sugere que os frequentadores façam um pedido especial durante as sessões de fotos.

Conforme Mirella Castelo Branco, uma das hostesses do Casarão Colonial, já que as domingueiras do Casarão devem ser finalizadas em breve para dar início a um novo momento, nada mais justo que possibilitar um cantinho sentimental aos frequentadores para que as fotos saiam perfeitas e todos guardem de recordação dos domingos felizes no espaço.

Além do Cantinho do Desejo, outra novidade é o Bar do Litrão, com Budwiser de 1L sendo vendida em um canto exclusivo a preço justo. Ricardo Fernandes, mentor do Casarão, conta que a galera faz a festa, pois todo mundo gosta de um cervejão no domingo e, principalmente, se reunindo com os amigos ao som de música animada.

A programação de despedida das domingueiras no Casarão continuam atraindo numeroso público. Neste domingo (17), a festa será animada e reunirá o cantor Lucas Seabra, a banda Os Parças,o cantor Rafael Beckman e os DJs Blemes e Arsênio Filho.

Ricardo Fernandes Pororoca, mentor do projeto Casarão Colonial, entre Tereza Baronesa e Rosalino, proprietários do imóvel secular que sedia a proposta musical de maior sucesso da história do Centro Histórico de São Luís

O gerente do Rio Poty Hotel & Resort, Armando Ferreira, com o radialista Juraci Vieira, nos estúdios da Rádio Mirante AM, onde participou de entrevista falando sobre as estratégias para alavancar o turismo no Maranhão

Nos bastidores do 'Degustasom', realizado no dia 7 de março, na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), o cantor Rick recebendo no camarim o empresário Almistron Marinho (AmoVinho) e os cantores locais César Martins e Lucas Seabra (canta neste domingo no Casarão Colonial)

Primeira edição do "Degustasom" foi um sucesso

Foi um sucesso a primeira edição do "Degustasom: uma noite de harmonia", evento realizado no dia 7 de março, na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), no Calhau, com show especial do famoso cantor Rick, da dupla com Renner. Além dele, participou a cantora Adriana Bosaipo.

A festa foi promovida pelas empresas AmoVinho Bistrô & Adega e Ilha Eventos. Além dos shows (além de Rick, se apresentou a cantora Adriana Bosaipo), o "Degustasom", all inclusive a noite toda, contou com o suporte de sommeliers e o delicioso buffet foi assinado por Rossetti, sob o comando de Sarah e Célia.

Almistrom Marinho (AmoVinho) e a esposa, Célia Marinho, com o empresário Anderson Galdino (Ilha Eventos) e a cerimonialista Gisela Diniz

Almistrom com o cantor Rick, atração principal do evento

Almistrom Marinho com um grupo animado que aproveitou a festa do início ao término

- A Assembleia Legislativa do Maranhão está avançando no quesito transparência pública na gestão da presidente Iracema Vale (PSB).

- É o que atesta o Ranking de Transparência do Segundo Semestre de 2023, divulgado pelo Tribunal de Contas do Estado (TCE/MA), no Diário Oficial.

- O Parlamento Estadual alcançou nota 8,56, praticamente o dobro da nota obtida pelo Legislativo no levantamento publicado em março de 2023, que foi de 4.46.

- O Centro Universitário Santa Terezinha – CEST acaba de firmar novo convênio de descontos. Desta vez com o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado do Maranhão.

- O objetivo da parceria é oferecer aos conveniados benefícios em forma de desconto de 10% nas mensalidades do Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado do CEST.

- Nome de destaque no esporte maranhense, o nadador Davi Hermes vive a expectativa por uma das competições mais importantes da temporada de 2024.

- Davi, que é atleta da Viva Água e conta com os patrocínios do Governo do Estado e da Potiguar por meio da Lei Estadual de Incentivo ao Esporte, foi convocado pela Confederação Brasileira de Desportos para Deficientes Intelectuais para representar o país na disputa do Trisome Games 2024, a ser realizado de 19 a 26 de março, em Antalya, na Turquia.

- Davi Hermes dá os seus primeiros passos na temporada depois de emplacar vários títulos e medalhas no cenário nacional da natação paralímpica em 2023.

- Em dezembro, o atleta foi um dos destaques da Copa Brasil de Natação Down CBDI 2023, onde conquistou duas medalhas de ouro nas provas dos 50m e 100m borboleta, além de faturar uma prata e um bronze.